

## Uma breve incursão nos meandros do conceito de cultura

Francisco Fragoso\*

Sendo a cultura, por definição, o retrato fiel da situação socioeconômica dum povo, pois que esta engendra aquela através de uma gestação dialeticamente consequente e, por isso, via direta para um percurso existencial sob a égide de influências assaz enriquecedoras, um tanto ou quanto recíprocas entre ambas racionalmente entretidas, fato, aliás, que está na base da condição de autonomia relativa que goza e desfruta a cultura e que se lhe advém como corolário lógico da sua própria dinâmica genético-evolutiva e, outrossim, pela própria inerência das relevantes funções que lhe cabe e compete desempenhar no cômputo das inúmeras perspectivas que é capaz e susceptível de assumir através das suas manifestações e expressões, as mais variegadas, seja de forma exuberante, seja de forma humilde ou modesta.

E daí que o estudo da sua história natural, referindo-se obviamente à cultura, pela inerência da sua dinâmica interna, não deixa de oferecer, por isso, um conjunto prenhe de eloquentes ensinamentos por nos conduzir, *ipso facto*, à sua necessária e adequada compreensão.

No fundo, tudo isto significa, por outras palavras, se inserir no caminho, logicamente o mais consentâneo, ou seja, no caminho onde se possa sentir munido e, bem munido, do necessário, visando, sobretudo e concretamente o aproveitamento adequado das suas virtualidades – referindo-se obviamente ao fenómeno cultural (a cultura *senso lato*), dentro de um planeamento seguro

---

\* Lisboa, Portugal.

dos objetivos a atingir, sob os auspícios de um investimento, sempre consequente, que só pode ser sinônimo de caminhar, sempre e sempre, no encalce duma lúcida prospecção das linhas de força que a enforma, em substância e, assim, poder avançar para o futuro na via, a mais progressiva e racionalmente consequente possível

E eis porque, explicitando um pouco melhor, efetivamente todo e qualquer estudo (que se preza realmente duma cultura ou das suas formas mais representativas) não pode, e nem deve, encará-la na perspectiva de mero(s) produto(s) “acabado(s)”, por isso, isolado(s) do contexto no qual se moldou a sua história e se processou naturalmente a sua evolução e corporização respectivas, até chegar à categoria de produto(s) – reiteramos – já (soit disant) “acabado(s)”, consequentemente em condições de utilização, ou melhor ainda, prontos para o consumo. Trata-se, pois, em última análise, de manter uma relação dinâmica com a cultura, penetrando necessariamente na rede de imaginários que esta exige para a sua efetiva consecução e, poder, assim, no fundo, prospectar dialética e eloquentemente o genial plano que a consubstancia e a enforma e que prefigura as conotações mais ousadas e profundas.

Enfim, tudo isto significa que a cultura, como superestrutura que é, insere-se no processo histórico-social de que não pode se abstrair ou ser abstraída.

E a cultura cabo-verdiana, óbvia e necessariamente, a despeito das inúmeras vicissitudes pelas quais passou, não deixa de conter em si todos os germens e ingredientes indispensáveis, situação que nos permite aplicar, com assinalado êxito, objetivamente exprimindo, no seu estudo respectivo, todo o conjunto de ensinamentos acima expendidos.

Na verdade, as ilhas de Cabo Verde são um mundo. Um autêntico mundo, na real e boa acepção do termo. Sim, um mundo, conquanto pequeno e repartido, sem deixar, com efeito, de ser um mundo autenticamente completo. Tem terra, tem mar, tem gente... De feito, uma realidade efetiva e plena de vida e existência e quão exuberantemente assumidas.

São terras de cultura, melhor dizendo, terras de culturas – pois que aqui são tantas quantas as ilhas. Não estamos referindo, claro, às culturas eruditas, pois que essas são, mais ou menos, as mesmas em toda a parte. Estamos objetivamente, referindo, sim, às culturas no sentido de adequação humana a uma realidade geoeconômica variável na aparência, mas com um certo número de

traços que lhe dão **unidade, coesão e coerência**. Pequenas redomas humanas que flutuam isoladas no meio do Atlântico, quiçá seja, em suma, a designação adequada.

Neste contexto cimentado magistralmente por uma história peculiar, natural é que se tenha desenvolvido uma maneira própria de olhar o grande mundo que se estende para além do horizonte, comparando-o com o pequeno mundo que estremece debaixo dos pés. E neste contexto – dizíamos –, natural é que apareçam obreiros e fautores lúcidos e inteligentemente apostados que o reflitam, que o digiram e que depois o transformem através de produções, seja no âmbito da poesia, da ficção, do teatro, da música ou do ensaio e demais outras realizações ou assunções culturais válidas e prenes de futuro.

Daí é, em reforço da perspectiva metodológica, que vimos seguindo neste nosso percurso de lúcida busca prospectiva, à medida que avançamos, mais persuadidos e esclarecidos nos sentimos que, na verdade, não se poderá partir para o estudo e discussão do que seja a criação com um espírito feito de certezas, espartilhado por esquemas ou regras, uma vez que, sendo cada obra um objeto específico, com a sua história, ou seja, em última análise, algo que se assume como o resultado de uma implicação entre o obreiro e o objeto de que ele fala, enquadrado por um ambiente específico e, de certo modo, marcado pelo perfil de um utilizador com o qual se identifica, acima de tudo,

Assim, lucidamente refletindo e, baseando, enfim, numa experiência edificada sobre pressupostos bastante sólidos por emergir de ensinamentos válidos, aliás, oriundos de estudos eloquentes e idôneos e, outrossim, plasmada em contatos e vivências diretas com a realidade de que propomos estudar, temos que nos render à evidência dos fatos e que efetivamente nos ensina e nos adverte esclarecidamente, em suma, que os métodos da socioeconomia nem sempre se afiguram os mais consequentes quando aplicados aos fatos da cultura, antes pelo contrário. Na verdade, a história da cultura ocupa-se de acontecimentos espirituais que não têm entre si, nem com o nível socioeconômico, um nexos aparentemente necessário.

Donde e daí, como óbvio, a necessidade de considerar como ponto de partida e referencial de base, dois níveis de realidade qualitativamente diferentes, fato que implica óbvia e necessariamente dar um salto qualitativo de um para o outro.

E explicitando, melhor as coisas, temos que efetivamente:

A história da civilização material ocupa-se de hábitos, de rotinas, de automatismos que se vão engendrando uns aos outros, a passo e passo, e que em cada sistema se tomam obrigatórias, constituindo tais sistemas, para os homens, autênticos instrumentos e limites de que eles procuram servir-se para um fim que não é o próprio sistema. E, por seu turno, o espírito utiliza os meios que lhe oferece a civilização, a qual, por sua vez, lhe opõe resistência.

E eis porque, sendo diferente o objeto de estudo, têm de ser, outrossim, diferentes os métodos necessariamente. De feito, os métodos de seriação, de correlação e de estatística e de demais outros afins são próprios da história socioeconômica, mas têm muito que ver com os movimentos espirituais. Aliás, a própria relação de causalidade que serve uns não serve para outros. Os fatos espirituais têm de ser considerados qualitativamente, cada um de *per si* e ser confrontados com outros fatos da mesma natureza que podem não pertencer ao mesmo espaço nem ao mesmo tempo.

Efetivamente, a reflexão a que a temática da cultura obriga exige da subjetividade do investigador suficiente disponibilidade para se relacionar diretamente, por *esprit de finesse*, com o espírito que nos diferentes movimentos culturais se manifesta. E daí que a erudição se afigura indispensável, apenas e só, na medida em que permite decifrar códigos obviamente.

Em relação a Cabo Verde esta perspectiva encontra de forma, assaz eloquente a sua razão de ser, pois que nos conduz, *ipso facto*, ao âmago da questão de fundo e, que se prende efetivamente com o objetivo do nosso estudo: a cultura de uma sociedade concreta em que a essência, que a própria definição de cultura, no seu sentido mais elevado, carrega, se assume magistral e eloquentemente. De fato, estudar a cultura cabo-verdiana significa e representa se colocar, com efeito, perante um eloquente e magistral exemplo do que é, na realidade, uma autêntica resposta inventada pelo homem para que este diálogo homem/meio se aprofunde, conferindo-lhe vantagens competitivas sobre outros mamíferos que dependem apenas da sua carga genética para sobreviver.

Indiscutivelmente, o “homem ao produzir cultura está já a sofrer determinadas influências visto que ele é natureza e dele não pode sair, ele é alavanca de renovação, o que quer dizer que, se o homem ergue e cria, se produz, ele é

simultâneo e permanentemente modificado pelo meio, influenciado por tudo que o cerca”. E comungando criticamente com Edgar Morin: “o ser humano é totalmente humano porque é, ao mesmo tempo, vivente e plena e totalmente cultural”; ou ainda, mais explicitamente, seguindo as pegadas de Geza Roheim: “a essência da natureza humana não consiste só em ser condicionada, mas também em ser ela própria condicionante”.

Na verdade, na sociedade cabo-verdiana (como, aliás, em qualquer sociedade sob o jugo colonial) a cultura nacional – este autêntico espelho e saúde da alma e da qualidade de vida dum povo e país respectivo – nunca podia ver a sua história natural se encaminhar, no seu verdadeiro caminho e percurso de autêntica evolução (de tipo crescendo, em espiral), na medida em que a sua destruição vinha subjetiva e objetivamente (consciente ou inconscientemente) planejada e traçada desde os primórdios da sua gênese e gestação. É, aliás, um fato, científica e sociologicamente comprovado que, culturalmente falando, à política colonial interessa, acima de tudo, pela própria inerência dos pressupostos que a enforma, destruir, fazendo tábua rasa de todos os liames e vínculos de autêntica identificação de um povo e de uma comunidade livremente assumida e expressa. E, é, nesta base, que os autênticos padrões e valores culturais nacionais são sistemática e declaradamente violentados, seja por que processo for; mais uma vez, a história humana, com os seus caprichos e preconceitos se repete. Eis-nos, efetivamente, perante um autêntico trabalho de desculturação, caminho aberto, para, numa atitude de imposição e domínio absolutos, poder sentir-se, totalmente à-vontade e, assim, sem entraves ou resistência (afigurando-se, a resistência cultural obviamente o primordial alvo a abater), poder impor, dominante e soberanamente os parâmetros culturais da metrópole e, muitas vezes, porque não, impingindo os seus próprios sub-produtos.

Ostensiva ou sub-repticiamente procura-se não deixar ao alcance do colonizado algo susceptível de contrariar a sua força ascensional no caminho da dominação total e, nesta óptica e perspectiva, afastá-lo, a todo o custo e preço, do mundo real, impondo-lhe falsamente valores ou padrões de imaginação, por um processo, quão rasteiro e humilhante, a fim de mantê-lo, eterna e permanentemente nas malhas da mediocridade, a mais erosiva que se possa imaginar e conceber, humanamente exprimindo. Sim, não há dúvida nenhuma, que se está, na verdade, perante o recurso da implantação determinada e

programada de todo um conjunto de medidas e ações, relegando-o, clara e efetivamente para as antípodas de uma política cultural coerente e digna obviamente.

Infelizmente, em Cabo Verde, o que acabamos de expender aconteceu e, de que maneira! Enfim, mais uma vez, reiteramos, com ênfase, a história humana, com os seus caprichos e preconceitos não deixou de se repetir...